

LABYRINTHO AFFECTUOSO,

FABRICADO DE HUM ENREDO TRAGICO
pelo odio.

NOVELLA

INTITULADA VERDADEIRAMENTE

*Cadálola Torrente de furões, fúnte de manifestos perigos, Mar tempestuosa
de iras, em que se virão os mais fúdes amantes, a discreta, e ábia Nar-
cisa, e o valente animoso Principe Girafol, hereditario, e uni-
co filho de Merlim Rey Moura.*

P O R

A N T O N I O D A S I L V A,

Mestre de Grammatica.

FINGIRAM os antigos Poetas, como diz o Sabio Ili-
doro, que por devoção de Jupiter formara o Deus Vul-
cano huma mulher a mais perfeita, e formosa, que os
Deoses, e os homens virao, em tal fórma, que ao mes-
mo Deus Vulcano, seu Author, fez admirar, e causou assom-
bro: a esta mulher chamaraõ Pandora, que quer dizer enri-
quecida de todos os dons; porque fingiraõ tambem, que todas
as Deidades uniformemente unidas lhe haviaõ contribuido seus
dotes: a Deosa Pallas a sabedoria; Venus a formosura; Apol-
lo huma voz muy doce, e suave; Mercurio a eloquencia; e fi-
nalmente Marte o valor, e bisarria: pois isto que a antiguida-
de inventou profana, sem duvida se decanta na formosa Narcis-
a, que unindo na belleza o modesto, communicava ao Orbe as-
sombros com o affavel; a fama suspenloens com o bello; e á
imitação horrores com o prudente; porque participava da-
quellas preciosas prendas, que os homens reputaõ mais subli-
mes, e consideraõ mais estimaveis. Foy filha unica de Micer
Perfio, homem virtuoso, opulento, e nobre; sua mãy se cha-

A

mava

mava Topasia, e era sobrinha do Imperador Germanico. Querendo divertir-se forão todos tres á caça, e miseravelmente captivos pela soldadeca de Merlim Rey Mauro, que marchava naquella occasião com hum tremendo, e poderoso exercito contra o Rey de Toledo, que era Catholico.

Micer Persio, e Topasia forão no mesmo ponto degolados, e Nuclea foy enviada por ElRey Merlim á Rainha sua mulher com a seguinte carta: *Querida, virtuosa, e amada mulher; porque conjecturo, e entendo, que vos alegrareis com semelhante mimo, determino obsequiarvos com esta Christãã cativa, que foy presa de minhas guardas com outros dous cativos, seus progeitares, a quem logo passamos a catello; mas como ella me pareceo ser de sangue illustre, e tão rara na belleza, não quize tirar-lhe a vida, antes me agradou deixal-la para Vosso Real serviço. Rey.* Chegou o Embaixador á Corte com Nuclea, e logo foy a Palacio beijar a mão á Rainha, e fazer sua Embaixada, dizendo deste modo: *Muy poderosa, e alta Senhora; ElRey, meu Senhor, me manda com esta Christãã cativa, que tomou nesta viagem, e como a visto tão formosa, não se atreveo a tirar-lhe a vida para a que V. Magestade se fizes della.* Tanto que a Rainha reparou na rara belleza de Nuclea, ficou douda de contente, e agradecendo muito a ElRey o mimo, premiou com ricas dadivas, e honorificos empregos o Embaixador.

Vendo-se Nuclea serva, e cativa, sendo antes senhora, e servida, era tanta sua tristeza, que continuamente enternecida formava caudalosas torrentes dos olhos, que inundavão a vista, e eraõ os lamentos, que proferia, tão magoados, que fazião seu pranto mais co npassivo; porque publicando sua dor, e lamentando a inconstancia da fortuna, fallava deste modo: *O Fortuna desigual! O sorte inconstante! com muita razão Apelles retratandote affentada, e admirando-se muito os circunstantes de teu fizego, respondeo este Artifice discreto, que estavas naquella forma, para descansar hum pouco de tão perpetuo giro; mas eu julgo, que te retrato sem ter visto a tua figura, porque sendo cada momento para mim ou-*
tra,

tra, do que es, não podia chegar a pintarte o pensamento mais ligeiro, quanto mais o pinto! mais deffro: agora reduzida a Sísifo das pezaras, padeco novo Ixion o incessat el tormento de tua terrivel rôda; e como não posso achar hyperbole, com que signifique o atribulado de meu animo, imitarei a Parasio, que retratando tristes aos Senadores, que efforçã vendo conduzir para o sacrificio a rara belleza de Iphigenia, para que o precioso boloranflo servisse de aplacar o serioso ira de Diana, não achou cores, com que pintar a tristeza de seu afflicto pay, e assim lhe cobrio com hum traço o rosto, deixando ao silencio a exaggeraçã de seu pezar, e o encarecimento da sua pena; porim desajando declarar mais minha agonias, replicarey com tremulas episodios o suueño da minha pena, e o triste da minha dor, sem esgotar os excessos. Se naquella terrivel peste, que houve no tempo de Marco Aurelio, foy mais facil referir as pessoas, que ficaram vivas, que a que morrerã; eu certamente no contagio das minhas desgraças contarey mais facilmente as que padeco, que as que deixo de sofrer; e se agora vivesse aquelle agudo engenho, que observando em hum quadro de Apelles a hum passaro sobre humma espiga, lhe censurou estar a espiga tão direita com o pezo do passaro, tambem reprehenderia minha fortuna, querendo carregar de tão groves infortunios a meu peito tão debil, sem permitir que minha vida se renda com tão excessivos pezaras. Ó mal sem remedio! Ó Narcisa, em que Siguo insano vistes a este mundo? Ó que pessima hora! Ó que terrivel Planeta te communicou os influxos! Que peccados são os teus? Que offensas fizeste a Deos para caviarte tantos males? Sem nenhuma piedade tirará a vida a tens pay, que esperar agora? Jesiráõ poucos os dias da tua vida, mais valera que morreses, do que viver em tantas angustias? Aonde estão agora tuas riquezas? Aonde tuas joyas? Aonde tens thezouros? Aonde tuas Damas, e tantos criados, que nunca mais bõ de lograr tua vista, nem gozar o teu bello conspecto? Ó sorte inconstante; porque me tratasse com tanta severidade? Ouvindo a Rainha ellas queixas, adi-

antou-se ao soccorro, como interessada no remedio, e compadecendo-se muito de Narcisa, a consolou, dizendo-lhe: *Irmã minha, baste já o que tendes feito, não vos malesteis mais, nem maltrateis vossa delicada pessoa; porém muy encarecidamente vos supplico, que não me negueis a verdade, do que desejo perguntar-vos, e sem duvida vos prometto por Mesma, que sereis tratada, como minha propria pessoa, e com tanto mimo, como se fosseis minha irmã. Dizei-me se sois de sangue Real, porque vossas acções generosas o mostram? Respondeo Narcisa: *Sabed V. Magestade, que eu sou Christã, e minha mãy, a quem fizeraõ lutar com seu proprio alento, privando-a da vida, era sobrinha do Imperador. Tanto que a Rainha ouviu isto, mandou no mesmo ponto, que lhe fizessem preciosas gallas para vestir-se, e dali por diante a tratou com tanto amor, e carinho, que tudo quanto ella mandava, era muito do agrado da mesma Rainha.**

Hum filho unico, e Príncipe hereditario de todos seus Estados tinha ElRey Merlun, que se chamava Girasol, em quem concorrião todas aquellas excellentes partes, que podem servir de adorno mais luzido a huma illustre prosapia; este começou a inclinar-se tão fortemente a Narcisa; porque tambem ella lhe correspondia com finas demonstrações de agrado, que já o julgavaõ louco, já o reputavaõ encançado. Sabendo isto ElRey Merlun, ficou muy triste, e transformando-se em hum ponto, de estatua em furia; de marmore em inferno; e de neve em corisco; foy com impeto irado para o gabinete da Rainha, e lhe fallou dessa maneira: *Senhora, se os Romanos em hum mesmo tempo adoravaõ a Vulpia, e Angerona, aquella Deusa do pesar, e esta do gosto, era para significar, que o sentimento he prologo da alegria, e o gosto premio da pena: Faço esta ponderação, porque julgo, que em mau agouro, e pessimo ponto haveis criado esta donzella, e entendy, que ha de ser principio da ruina de nossa Ley, e estrago de nossos estados: eu me vejo embárraçado, e perplexo no modo de evitar esta futura ruina; por isso quero ouvir vossò conselho neste particular. Vendo a Rainha a triste noite de*
pe-

penas, e as horribéis obscuridades de sentimentos, em que El-Rey se considerava embaraçado, e perdido, respondeu assim: *Senhor, entendo, que se V. Magestade quer abraçar meu conselho, acertará: Veja, Senhor, que não ha cousa mais poderosa no mundo para apartar huma amor affectuoso, que a ausência dos amantes; bem sabe V. Magestade, que o amor he a origem das fatalidades, a fonte de tantas pezas, e causa de tantas desordens; assim pôde V. Magestade mandar o Príncipe a seu primo, o Duque de Montorio, reservando-lhe quanto se passa, e que veja se pôde apartallo de tal perseguição. Agradou lumbamente a El-Rey o conselho da Rainha, e mandando logo chamar o Príncipe, lhe disse desle modo: Eu tenho determinado mandar-vos para Montorio; porque me parece, que ahí podeis divertirvos melhor, que na Corte. Respondeo Ciralol: Senhor, esse he tambem meu gosso por servir, e obedecer a V. Magestade; mas supplico, e peço a V. Magestade, que seja servido concederme a mercê de deixar ir comigo a Narcisa. Respondeo El-Rey: Isso não pôde ser; porque não he licito, nem honesto, que huma Donzella vá em vossa companhia: ou tambem porque a Rainha vossa mãy necessita della para que esteja na sua companhia. Ouvindo ellas razoes o Príncipe, respondeu: Senhor, se V. Magestade pretende apartar-me de Narcisa, bem poucos serão já os dias da minha vida; porque se os Gregos tinham nas suas Academias a figura do Amor, eu já vou para de Narcisa fundando muitas academias: ella he a origem dos meus males, e Regia Monarcha dos meus sentidos; a ella me dedico meamente por escravo com humildes rendimentos, e em qual quer parte procurarvi grangear com affectos algum alivio para minha pena. Respondeo El-Rey: Filho, bem tereis já conhecido, que neste mundo não ha cousa, que eu amo mais que vós; pois se creder isso, entendei, que não obro neste negocio com intenção de abbreviar-vos a vida; porém como essa mãy está enferma, não quero, que ninguem a sirva, senão Narcisa. Tanto que o Príncipe vio, que El-Rey seu pay não queria, que Narcisa fosse com elle, entristeceu-se muito, e*

porque ella era o ben, que lhe servia de tanto sobressalto á vida, e de tanto tormento ao descanço, respondeo a ElRey: *Agora infelizmente serei vergonhoso triumpho da implacavel diuidade, e militarei debaixo do estandarte da sua encan-tada esquadrã; pois V. Magestade manda, que Narcisa não vá comigo, mas não recuso ir para Montorio, ou para onde V. Magestade determinar.*

Nô outro dia logo pela manhã mandou ElRey, que se preparasse a Cavallaria para acompanhar o Principe até Montorio, e depois foy á camara, onde estava, e lhe disse: *Filho, a Cavallaria, que haveis de levar, já está esperando.* Saindo emão o Principe da camara disse a ElRey: *Senhor, antes que monte a cavallo, quero despedir-me de Narcisa.* E concedendo ElRey a licença, entrou no seu quarto, e começou a dizer com grandes foluços, e lagrimas estas palavras: *Sobrevem belliza, raro affombro de formosura, já que até as pedras se levantão contra minha constancia, nunca serei pedra de escandalo nos horrores, nem figura de Cameleão no variavel, nem retrato do basilisco no mortifero, nem imagem do courodilo no enganoso. Querida Andromeda, amada Orestia, formosa Clariquea, Marpesia adorada, eu bemconbeço, que a fama elevada nos seus carinhos suspende as azas ao voo, com que nega o realce ao applauso; mas senhora minha, e unico objecto dos meus rendimentos, já que a sorte adversa quer dividirnos, estai certa, que ainda que o corpo se aparta, o meu coração nunca se apartará de cuidar em vós todo tempo, que me durar a vida.* Respondeo Narcita: *Amado Hipolito, querido Plancio, animoso Perseo, constante Orpheo, firme Alexandre, meu animado Ceo, idolo das minhas adorações, bella prenda do meu coração, e só meu Senhor neste desterro de ansias, eu bem considero, que sabeis como sendo apartada de vós, sou dividida dos dias da minha vida, por tanto vos supplico, que tomeis este anel com esta pedra, que tem tal virtude, que quando eu padecer alguma grande tribulação por amor de vós, perderá no mesmo instante sua cor, e formosura: assim conhecereis logo, se padeço al-*
guns



(7)

guns trabalhos por vossa causa, e d'este modo poderis lembrar-vos d'esta vossa serva, da qual nunca fereis esquecido. Elle foy o despedimento d'elles teus, e finos amantes.

Partindo o Principe Girasol para a Cidade de Montorio, foy nella recebido com muitas honras, e grandes festas, que o Duque seu tio lhe mandou fazer, e depois de tres dias se fizeram justas, e jogos de canas com varias invençoens de alegria; mas com tudo isto era tao grande a pena, e tristeza do Principe, que quasi o despenhava no tenebroso abismo de sua desesperação; e observando o Duque todos estes movimentos, lhe perguntou hum dia: *Sobrinho, que vos parece nestas minhas terras, e seus Cavalleiros?* Disse o Principe: *Senhor, summamente estou agrado de tudo, e tao contente, como se estivesse na Corte.* Replicou o Duque: *Não duvido disso, mas estou admirado de vós; porque nenhuma coisa, que faço por vosso respeito vos alegra?* Disse o Principe: *Senhor não se admira, porque elle he meu genio.* Passarão alguns dias, e o Duque quiz informar-se mais individualmente de alguns criados do Principe, que lhe referiram verdadeiramente seus grandes amores com Narcisa: logo determinou o Duque escrever a ElRey, e declarar-lhe o que passava, avisando-o que lhe mandasse Sua Magestade a Narcisa; porque a doença do Principe crecia tanto, que poderia causar-lhe a mortal ruína. ElRey recebendo as cartas do Duque, só cuidou em tirar a vida a Narcisa, e para isto mandou chamar a Rainha, e consultou com ella este ponto. Respondeo a Rainha: *Senhor, se isso poderia fazer-se, sem que ninguem o sentisse, ou presumisse, não era desaccerto.* Disse ElRey: *Senhora, eu determinarei, que meu Real Conselho lhe dê a morte por certa causa, e d'este modo não nos será imputado cargo algum.* Mandou no mesmo ponto ElRey Merlin chamar o seu Regedor das Justizas, e lhe disse: *Já sabeis, que meu pay em sua vida sempre vos deo parte de seus segredos, e como vós lealmente o servistes, julgo, que agora me guardareis a mesma fidelidade sobre o que quero referir-vos: bem sabeis, que Narcisa [entendo, que deve ser algum diabo] tem enfeiti-*

galo ao Príncipe de tal modo, que nem come, nem bebe, nem descansa; e julgo, que ella ha de ser o effrigo da nossa Seita, e a perdição total de meus Reynos, se não cuidamos no remedio, dando-lhe a morte. Respondeo o Regedor: Senhor, V. Magestade confidex bem nisto, porque he cousa muy natural ao homem vencer-se do carizbo de buona mulher: mas se he vontade de V. Magestade estou prompto para cumprir seus Reais decretos. Disse ElRey: He minha vontade, que se lhe dê a morte pelo seguinte modo: Mandarreis affar buona gallinha, e depois que lhe lançares algum veneno, hum pagem a trará da parte de Narciso, quando'co estiver á mesa, e dirá: Senhor, Narcisa manda a V. Magestade esta gallinha, e lhe pede, seja servido comer della, e logo se dará alguma parte della a hum caô, que para isso estava já prevenido, e no qual sem duvida obrará o veneno; porque desse modo não poderá ella provar o contrario. Mandou o Regedor pôr em execução as ordens delRey, e apenas o pagem offereceo a gallinha, principiou o Trinchante a cortar nella, e dando huma perna ao caô, cahio logo morto. Tanto que ElRey o vio cahir, exclamou em altas vozes: *Traição, traição.* No mesmo ponto pronunciou o Regedor, que Narcisa fosse prova, e que lhe perguntassem a causa de tão cruel delicto, ou se alguem lhe dera similhante conselho. Prendendo os Ministros a Narcisa, foy o Regedor dar a ElRey a noticia, para determinar-se o que havia fazer-se com ella.

Mandou ElRey convocar todos os Ministros de seu Real Conselho [para que seu malvado desejo levasse melhor cor] e alli lhe disse: *Que Narcisa o quizerá matar com veneno em huma gallinha assada, que lhe mandara.* Ouvindo isto o Real Conselho, sem mais appellação, nem agravo deo sentença contra Narcisa nella fórma: *Nós, ElRey Merlim, Senhor de Africa, e absoluto Dominador dos habitantes della, visto por nós, e por nosso Real Conselho, como Narcisa Christãã captiva, e criada de nossa Real Casa por nos tirar a vida commetteo hum crime, e grande traição contra nós, e nossa Real Coroa com pensamento deliberado, não temendo a ira,*
e fa-

(9)

esforço do nosso grande Profeta Mafama, e em desprezo de nossa Justiça intentou dar-nos a morte com veneno em huma gallinha, o que se experimentou dando-se a hum caô, que logo morreu: pela qual maldade vista, e approvada por nós, e por v'osso Conselho, mandamos, que Narcissa seja queimada no termo de tres dias para que elle rigor lhe sirva de castigo, e a todos meus vassallos de exemplo. Rey. Todas estas cousas ignorava o Principe; porém estando conversando com o Duque seu tio, de repente lhe sobreveio ao coração huma grande tristeza, e reparando no anel, que Narcissa lhe dera, vio, que a pedra tinha perdido a cor, e formosura: d'elle modo conheceo, que era grande tribulação em que Narcissa fluctuava; e assim pediu ao Duque por mercê, que lhe desse hum bom cavallo, e armas; porque queria divertir-se, e fazer na sua presença alguns exercicios militares. Ficou o Duque muy contente, e mandou que lhe fossem buscar o melhor cavallo, e as armas que lhegraõ precisas. Na presença do Duque montou o Principe, e começou a dar algumas carreiras diante d'elle: e depois lhe pediu por mercê, que o deixasse sair ao campo, no que o Duque consentio inexplicavelmente alegre. Vendo-se o Principe fora da Ciudad: passou a tristeza, e herdou seu lugar o gozo, e caminhando todo aquelle dia, e noite, quando a outro dia o Monarcha dos resplandores, e o luminoso Principe dos Planetas já hia communicando ao mundo seus brilhantes rayos, se achou no sitio daquella triste campanha, aonde o tado repentinamente havia correr a cortina ás apparencias na execução da fatal sentença de Narcissa. Esperou o Principe, e passado muito tempo vio sair pela porta da Ciudad grande multidão de gente, e o Regedor com todos os Ministros de Justiça; no meyo delles vinha a discollosa Narcissa, montada em hum jumento ridiculo, vestida de humas roupas negras, estarrapadas, e pobres, cingida pelo pescosso com huma grossa cadeia de ferro: trazia os braços prezos com algemas rigorosas, e os pés com asperos grilhões: era certamente huma copia de sentimento, hum original da pena, e huma triste imagem da dor. Tanto que chegaraõ ao sitio,

em

em que o valor havia appresentar huma sanguinea batalha ao Fado, fizeram descer a magoada Narcisa, que supplicou ao Regedor, a deixalle orar ao seu Deus. Aqui conheceo verdadeiramente o Principe, que o coração poucas vezes erra nos seus presagios, e pintou com tão copioso pranto o inaudito della tragedia, que não se teria por maravilha o pranto dos bronzes, ou a compaixão dos marmores. Alcançada por Narcisa a licença do Regedor, se pôs com ambos os joelhos em terra, e disse: *O Senhor todo Poderoso, ó Deus de misericordia infinita, que per Vossa Divina Clemencia viesstes do Céo a padecer cruel morte por salvar ao genero humano, tende compaixão de mim, e salvay a esta vossa indigna serva por vossa bondade: por vós, Senhor, que sois digno de ser amado sobre todas as cousas, me pesa summamente de todos meus peccados, e proponho a emmenda com vossa graça: perdoad-me, Senhor, por aquelle sangue precioso, que por nós derramastes, e por aquelle amor immenso, que vos moveo a remir-nos.* Tantoque Narcisa acabou de orar, tocaram no mesmo ponto dous tambores, e logo aquizerão lançar nos incendios, abraçar nas chammas, e consumir nas lavaredas: mas a este tempo lembrando-se o Principe daquelles dous celebres theatros fabricados por Curião para vencer a Elcauro, que eraõ tão artificiosos, que mudando com impensada velocidade as scenas, mais parecião apparecidas, que mudadas; despedio rayos contra a temeridade, chammas contra a detençaõ; e metendo pernas ao cavallo, atropellando a gente, amotinou o povo todo, ate que chegando ao seu adorado idolo de Narcisa, pegou nella com valor, e atirou do poder dos Ministros, e da gente, que pelo improvisõ do successo estavaõ suspensos, e ficaraõ sem resolução. Posta Narcisa em liberdade pelo Principe, ficou ella, como ficavaõ Socrates, e Plataõ suspensos em seus prodigiosos extases, ou como se suspendiaõ Democrito, e Xenocrates, os quaes sem peltanejar aos mais activos rayos do Sol, podia duvidar se, se eraõ aguias, ou homems. Tanto que o Principe vio em salvo ao elevado objecto dos seus carinhos, com huma voz muy doce articulou o seguinte: *Querida,*
e do-

e deo prenda minha, pela Fé, que tender, e pelo Deus, a quem adorais, vos supplico, que me digais a origem; porque vos mandão dar a morte com tanta crueldade? Respondeo Narcisa: [naõ se lembrando, que o Principe era quem a livrava] Senhor Cavalheiro, sabereis, que o Regedor me accusa fuisse-mente, imputando-me, que eu quizeria matar a El Rey, com veneno em huma gallinha assada, e esta he a fatal ruina da minha vida. Taõ perturbada estava Narcisa, que naõ conheceo o Principe; mas elle animando-a muito lhe disse: Donzella, naõ temais; porque antes eu perderei a vida, do que vós recebaís algum damno; e se houver Cavalheiro, que queira embaraçar este meu novo empenho, ou pertenda patrocinar esta injustiça, que vos fazem, vereis como esta mesma terra, que pisamos, verdadeiramente transformada em campanha Gabieuse, ou campo Reatino ha de tremer, ameaçando rigores para o tragar com crueldade, e precipitar no tenebroso abismo da sua fatalidade; porque obrarei quanto permittirem minhas forças para defendervos. Vendo Narcisa o generoso brio, e boa vontade do Cavalheiro, lhe deo muitas graças, e supplicou, que a defendesse contra aquella falsidade. Tanto que os Ministros de Justiça virão, que aquelle intrepido Cavalheiro tomava taõ grande empresa de livrar a Narcisa, determinaraõ dar parte a El Rey, do que succedia nesta fórma: Senhor, querendo dar-se plico cumprimento ás reais ordens de Vossa Magestade, hum Cavalheiro desconhecido, determinando ser outra Triaria, que pelo carinbo, com que amava a seu esposo Lucio Virelio, accommetto pelas inimigas e quadras a seu lado, fazendo de sua espada espelho para seu valor, e de seu peito escudo para sua vida, livrou a Narcisa dos incendios, em que já podera estar consumida. Quando El Rey recebeu esta noticia [ainda que naõ deixou de suspeitar, que seria o Principe disfarçado] admirou muito a grande temeridade daquelle Cavalheiro, e quiz saber quem era. Respondeo elle, que supplicava a Sua Magestade, naõ quizesse por hora saber quem era; porque tempo teria em outra occasião; mas só pedia a Sua Magestade por mercê, que mandasse

se a seu Regedor contender com elle, já que falsamente accusara a innocente Narcisa; e que quizesse conceder-lhe dous Cavalheiros capazes para se lhes entregar Narcisa em quanto sua causa não era julgada; mas certificava deveras a Sua Magestade, que se a valorosa Julia vendo tingido em sangue o Real habito de Pompeyo, cruelmente se havia dado a morte; parecendo-lhe ainda mais possivel viver sem vida, que sem Alma, que elle se não lhe detivera o brago a obediencia dos seus Reis Decretos, já houvera fabricado para sua espada o sepulchro no peito malvado do Regedor. Mandou logo ElRey dous Cavalheiros, que tomassem a seu cargo a Narcisa, e a defendessem de qualquer damno até que fosse livre por aquelle Cavalheiro, e depois mandando chamar o Regedor, lhe disse: *Que vos parece aquella acção do Cavalheiro na defesa de Narcisa? Elle diz: toda via, que a quer defender por armas.* Respondeo o Regedor muy arrogante, e presumido nas suas forças: *Senhor, bem sabe V. Magestade, que todos meus antecessores perderão as vidas no Real serviço de V. Magestade, e pela honra de sua Coroa: eu tambem eston prompto para o mesmo, assignae-me V. Magestade campo para o combate, e dia determinado, em que batalhando como os Arios da Germania mais com o terror, que com as armas, atravessando-lhe minha espada naquelle coração malevolo, com hum golpe me livrarei de suas violencias.* Muito se alegrou ElRey com a reposta do Regedor; mas reconhecendo a pouca justiça, que elles tinham, temeo muito, que não fosse bem succedido, e assim não resolveo cecula alguma.

Impaciente já o Principe impugnava muito a ElRey para que se descobrisse a verdade, e parecendo aos Cavalheiros da Corte, que Giralol pedia o julgo, todos unidos disserão a ElRey Merlim, que não detivesse aquelle Cavalheiro; porque não convinha á sua honra, e estado; assim que devia determinar campo para a batalha, e dia determinado; porque de outra forte indicava, que a sentença contra Narcisa fora mentirosa, e falsa. Vendo ElRey, que o obrigavaõ, lhes deo campo para dalli a dous dias, e que nelle intervallo se preparassem os Cavalheiros

tiros de armas, e cavallos, tomando cada hum o padrinho, que quizesse. Preparado já tudo chegou o dia finalado, e logo pela manhaa foy o Principe a Palacio para assegurar o campo; porque era tido, e reputado por estrangeiro; ElRey animando-o lhe disse deste modo: *Cavalleiro, não temais comja alguma; porque toda justiça vos será guardada, e a qualquer vintante Cavalleiro, que vier a meu Reyno.* Em fim chegou a occasião da luta, a que fôrão assistir ElRey, e a Rainha, e logo mandou ElRey lançar hum prego com pena de morte, que nenhuma pessoa de qualquer qualidade se atrevesse a favorecer nenhum dos combatentes, e que elles entrassem no campo juntamente com seus padrinhos. Dado já este sinal, saíram para fóra os padrinhos, e os dous Cavalleiros vierão hum para outro tão furiosamente, que o Regedor fez empedços a lança do Principe, e este lhe deu hum golpe tão penetrante, que lhe passou o elcudo, e o fez cahir em terra juntamente com o cavallo. Lançou logo o Principe mão á espada para lhe cortar a cabeça; porém o Regedor lhe pediu com vivas anhas, que o deixasse tornar a montar: consentio Girasol na rogativa, e estando já montado, tomou huma lança muito mais grossa, com que tornou a envestir ao Principe; mas errando este o encontro, o fez culir em terra o Regedor, e no mesmo instante pegou no alfange para o degolar: tanto que o Principe experimentou seu animo, levantou-se muy ligeiro, e com a espada nua o envestio, dando-lhe golpes, e cutiladas tao fortes, que entregando o animo a hum desmayo cahio naquelle funello litio, como flecha, tornando a regar com o sangue, que derramava das feridas aquella campanha rigurosa. Vendo-se o Regedor muy fatigado, tanto que tornou a si, fallou ao Principe desta maneira: *Generoso Cavalleiro, descansemos hum pouco: porque ha grande espaço, que trabalhamos neste combate.* Ouvindo Girasol as razoes do Regedor, conheceo, que seu peito já estava fraco, e muy diligentemente principiou a dar-lhe golpes tao fortes, que abrindo-lhe com hum a cabeça até os olhos, cahio em terra lutando com seu proprio alento, e logo acudio ao ecco dolorido seu padrinho a reconhecer o espectaculo lastimoso; porém como

mo já o viſſe entre as ultimas agonias, o tirou do campo, e diſſe aos juizes: *Mens Senhores, hum tempo viſto, que o Cavalleiro ha conſeguido a viſtoria, aſſim não ha mais que ſazer em tal negocio; pois he ſem duvida, que a Donzella eſtava innocente.* Aqui levantou o Principe a voz, e diſſe tao intrepido, como allegre: *Senhores, he certo, que o ſangue de hum traydor caſtigado he parto de vobora eſpirante, que dá a luz os filhos diſpoſtos para a compoſição de hum ſalutifero remedio.* Vendu, e ouvindo ElRey tudo iſſo, mandou, que ſe fizeſſe hum magnifico theatro, e que nelle ſoſsem poſtos Narciſa, e o Cavalleiro, para que ao toque de ſonoras trombetas, e atabales ſoſſe publicado, que aquélle Cavalleiro livrara a Narciſa de hum crime falſo; pelo qual fora ſentenciada a morrer queimada viya. Concluida eſta celebreg funcção, reparou Narciſa no Cavalleiro, e vendo-lhe o anel no dedo, conheceo, que elle era o Regio Monarcha dos ſeus ſentidos, e quiz dedicarſe-lhe com novos rendimentos por eſterava, tributando a ſeus pés com agradecimento os ſeus affectos; porém a elle meſmo tempo ſuccedeo a ElRey Merlim o meſmo fatal infortunio, que tãha ſuccedido na antiguidade ao Sacerdote Heli: cahio da cadeira, em que eſtava ſentado para nunca mais ſe levantar da queda. Por motivo deſſe repentino accidente ſe perturbou a Republica, o pòvo ſe inquietou, alterou ſe o concurſo, em ſim a Corte toda ſe veſtiu de luto; mas Narciſa tomou occaſião para fallar aos circumſtantes do ſeguinte modo: *Mens Senhores, toda a que tem existencia de homem he miſeravel, eſte epíclito liberdaõ os antigos Poetas Gregos Homero, Heſíodo, e tamhem os Latinos:*

Optima quæque dies miſeris mortalibus ævi

Prima fugit: lubeunt morbi, triſtiſque teneſtus,

Et labor, & duræ rapit inclementia mortis.

Sophocles Poeta Grego diſſe, que o homem, ou a ſua vida era ſombra: o Poeta Eſchylo querendo eucarecer mais ſua paidade diſſe, que era ſombra de fumo; mas o Profeta Penitente excede a todos no encarecimento, e diz: Verumtamen univerſa vanitas, omnis homo vivens: dizeis, que o homem he ſombra, e ſombra de fumo; pois eu digo, que tudo iſſo he, e todar

as vaidades juntas: In flateriis ut decipiant ipsi de vanitate in idipsum; e digo mais que o homem he confa tão vaç, que se opozessem em huma balança, e contra a vaidade teria mais substancia, e peso a vaidade. Nada he o homem na duraçõ, e he confa digna de ponderar, que sendo Deos tão liberal, e magnifico em tudo quanto deo ao homem, só na extençã da vida parece, que soy muy escasso. Diz Seneca, que Aristoteles mostrava queixar-se de alguma modo da natureza; porque n'fando de tanta liberalidade com os brutos, a bue dos quais concedeo cinco, a outros dez, seculos de vida, só ao homem, que soy creado para tantos, e tão grandes officios, lha concedeo tão limitada, e com tanta tacha: a mesma queixa diz Marco Tullio, que mostram ter Teofrasto no horriuel artigo da morte; porque basta ser o homem formado do barro, e pó, para que tenha conhecimento da sua fragilidade, e ponca duraçõ. He o homem hum puchado de cinzas, miudas humas com outras, nesse conceito estava Aristoteles, quando definio ao homem, exemplo de vaidade, despojo do tempo, jogo da fortuna, imagem da inconstancia; e melhor ainda Pindaro lhe chamou funbo de sombra: Umbrae somnium est homo. Porém eu para que vou buscar authoridades mais remotas, e de menos credito, se a Sagrada Escriitura nos diz expressamente, que o homem he pó, e ha de ser pó pela pouca duraçõ; que he solbo, que he ta ova-to; que he rio, que sempre corre, e finalmente he o homem na sua permanencia, como diz Drexelius: funbo, empola de agua, vidro, neve, flor, apparencia, feno, sombra, cinza, ponto, voz, sonido, respiraçõ, e nada.

Somnus, Bulla, Vitrum, Glacies, Flos, Fabula, Fanum,

Umbra, Cinis, Punctum, Vox, Sonus, Aura, Nihil.

Isto he o homem, [prosegue a fabia Narcissa] porém Deos, que deve ser amado, e servido mais que tuão, he hum Senhor mayor, que todo pensamento, mayor, que todo louvor: Exaltate cum quantum potestis, maior est omni laude. Elle he hum manacial, e hum amplissimo Oceano de todas as perfeicoens; porque as contém em si com modo mais eminente, e perfeito. Deos he tudo quanto se póde imaginar de bom em grao acellso:

Deus

Deus est omne. *Todas as perfeições excede Deus, diz S. Agostinho, se o buscas pelo attributo de grande, elle he mayor, quẽ todas; se pela formosura, elle he o mais especioso, e bello; se pelo agrado, elle he o mais benigno; se pelo resplendor, he o mais brilhante; se pela fortaleza, he o mais forte; se pela piedade, he o mais misericordioso: Univerſa Deus præcellit: ſi quæras magnitudinem, mayor eſt; ſi pulchritudinem, pulchrior; ſi ſplendorem, fulgidior; ſi fortitudinem, fortior; ſi dulcedinem, dulcior; ſi pietatem, clementior. Elle tranſcende infinitamente todos os dotes, e attributos das mais perfeitas creaturas, que forão, que ſão, e que podem ſer: não em hum grão, nem em cento, nem em mil, mas em grão infinito; por, ue tem infinito poder: Magnus eſt, & non habet finem, excelfus, & immenſus. Mas eu para que me canço ueſta demonſtração: Ne laboretis: non enim comprehendetis; porque ſua Divina Mageſtade he tão auguſta, tão ſagrada, tão ſublime, e immenſa, que todo ueſto ſouvor, e conceito em ſeu reſpeito he nada, e ſe reputa por hum mero ſilencio, como diz o Profeta Zacharias: Silent omnis caro à facie Domini.*

Aqui finalifou Narcila ſua prudente pratica, e ſua voz forão de tanto poder, que não deraõ, como a ſua voz de Amphion, movimento às pedras para fabricas materiaes; mas deraõ certamente traça a muitas almas para celeſtes edificios, e com architectura Divina levantaraõ Palacios de ſantidade ſobre as ruinas da malvada Seita de Maſoma; porque o Principe Girasol, e a Rainha, ſua mãy, movidos pelo Eſpirito Santo, deraõ no meſmo ponto libello de repudio à peſſima Seita de Maſoma, abraçando noſſa Santa Fé, e ſeguindo com generoſo animo os conſelhos do Evangelho. Depois recebeu o Principe Girasol a Narcila por mulher legitima, em companhia da qual governaraõ todos ſeus eſtados em pacifica tranquillidade, e morreraõ quaſi immediatos em paz ſem ſucceſſão.

Finit coronat opus.

L I S B O A;

Na Offic. de Domingos Gonçalves. Ann. 1750. Com as licenças neceſſar.

4

1871

1872

1873

1874

1875

DIRECÇÃO DE SERVIÇOS
DE AQUISIÇÕES, PROCESSAMENTO E CONSERVAÇÃO

TERMO BIBLIOGRÁFICO

SILVA, António da

Labyrintho affectuoso, fabricado de hum enredo
tragico pelo odio : novella intitulada verdadei-
ramente caudalosa torrente de furores, fonte de
manifestos perigos, [...] / por Antonio da Silva
. – Lisboa : na Off. de Domingos Gonsalves,
1750

L. 4980¹³ V.



Caminhos do Romance

Brasil - Séculos XVIII e XIX



Projeto Caminhos
LAPUN

Título: Labirinto Affectuoso, Fabricado de Hum Enredo Tragico pelo Odio

Fonte: Biblioteca Nacional de Lisboa

Outras obras em:

www.caminhosdoromance.kel.unicamp.br